



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

LALESCA SANTOS

BORA LÁ NO BAIRRO

Registro da memória social dos bairros de Salvador

Episódio piloto: Bairro da Barra

Salvador
2019

LALESCA SANTOS

BORA LÁ NO BAIRRO

Registro da memória social dos bairros de Salvador

Episódio piloto: Bairro da Barra

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Severino

Salvador

2019

Dedico esse trabalho a minha família e amigos, que me ajudaram a chegar até aqui. Pessoas que me inspiram e me auxiliam, dando energia para seguir meu objetivo de trabalhar com a Comunicação e Audiovisual.

AGRADECIMENTOS

Ao suporte familiar que tive como base durante todo o período acadêmico, em especial minha mãe, sem ela eu não conseguiria finalizar esse ciclo.

Às experiências da Agência Experimental e ao meu orientador, José Roberto Severino, que me acolheram nos primeiros semestres. Ao ACCS Memória Social: Audiovisual e Identidade, e todos que participaram da produção do documentário “Acupe Terra Quente”, que me despertou a paixão pelo audiovisual.

À Facom e aos professores, pelo suporte no meu desenvolvimento profissional. Ao grupo de pesquisa CCDC, ao professor Giovandro Ferreira e seus integrantes, que compartilharam comigo experiências e aprendizados.

Aos queridos amigos que uniram forças comigo durante o processo de gravação deste documentário, por disponibilizar seu tempo e suas habilidades.

Gratidão!

RESUMO

O presente memorial descreve o processo de produção do documentário piloto do *Bora lá no bairro*, projeto audiovisual que registra a memória e a subjetividade de moradores dos bairros de Salvador e sua relação com os mesmos. O episódio em questão aborda o bairro da Barra. Com esta proposta, pretendo incentivar produções que tragam histórias do bairro em suas inúmeras possibilidades e perspectivas, entre turistas, moradores, visitantes. Encontra-se detalhada, portanto, a estruturação e as etapas de produção para realização do Projeto Bora lá no Bairro - História dos bairros de Salvador, Episódio Piloto - Barra.

Palavras chave: Salvador; Barra, Memória social; Documentário.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FACOM - Faculdade de Comunicação

UFBA - Universidade Federal da Bahia

CCDC - Centro de Comunicação, Democracia e Cidadania

ACCS - Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografia de Cosme Gomes.....	20
Figura 2 - Fotografia de Dona Maria Emilia.....	21
Figura 3 - Fotografia de Márcia da Cruz.....	21
Figura 4 - Fotografia de Maria de Fátima.....	22
Figura 5 - Fotografia de Márcia Cardoso.....	22
Figura 6 – Fotografia de Bruno Rocha.....	23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. DO PROJETO.....	10
2.1. DO RECORTE: BAIRRO DA BARRA.....	12
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
4. METODOLOGIA.....	18
4.1. EQUIPAMENTOS.....	18
4.2. EQUIPE: FORMAÇÃO DA EQUIPE.....	18
4.3. PERFIL DOS COLABORADORES.....	20
4.3.1 – Entrevistados.....	20
4.3.2 - Equipe Técnica.....	23
4.4. FICHA TÉCNICA.....	24
5. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO.....	24
5.1. PRÉ-PRODUÇÃO.....	24
5.1.1 - Roteiro.....	25
5.2. PRODUÇÃO.....	25
5.3. PÓS-PRODUÇÃO.....	26
5.3.1 – Trilha Sonora.....	27
5.3.2 – Imagens de Cobertura.....	27
5.3.3 – Direitos de Uso de Imagem.....	28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
8. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS.....	31
9. ANEXOS.....	32

1. INTRODUÇÃO

A ideia de trazer memórias individuais sobre um espaço, a partir das perspectivas de pessoas que compartilham aquele território, apresenta inúmeros desafios e possibilidades no que se refere a contar histórias. Como pode ser criada uma narrativa a partir de recortes de memórias pessoais, compartilhadas dentro do mesmo bairro, de diferentes contextos e singularidades? Quais são as histórias que aquele lugar carrega? E em meio a tais possibilidades, como criar um recorte? São essas questões que me movem para realizar essa pesquisa.

A Barra é um bairro turístico, principal cartão postal de Salvador, local que já foi objeto de inúmeras pesquisas. É um território rico em diversidade e, portanto, com inúmeras oportunidades de se encontrar histórias. Neste bairro, existe uma movimentação que segue a dinâmica do comércio, a partir do turismo da região, mas também, há uma calmaria, buscada por muitos moradores. Todo local, é um local de disputa. Há disputas ali, sutis e óbvias, especialmente entre classes sociais distintas. Compartilham aquele espaço pessoas que participam ativamente da circulação de renda e tiram dali o sustento para suas famílias, mas que o habitam de maneira desigual.

Há múltiplas possibilidades de reconstruir a história de um lugar, a partir de diferentes pessoas e diferentes pontos de vista. Entre as idas, durante o processo de observação, as atenções aqui voltaram-se aos personagens que encontram-se presentes, a partir da venda de produtos e serviços, e contribuem cotidianamente com seus territórios, com saberes e práticas.

Algumas diferenças dialogam, dentro de um espaço comum, para além de suas estruturas físicas. A Barra é um ponto da cidade bastante frequentado, de diferentes formas e com diferentes propósitos pelas pessoas. O desafio de voltar-se à Barra, durante essa pesquisa, foi de observar as pessoas, pois são elas que constroem as relações e fazem daquele um espaço de socialização.

Neste processo de observação e análise, entre conversas não gravadas e apenas ouvidas, foi possível acompanhar rotinas de pessoas que por ali circulam. Pessoas que são parte da memória daquele território. O bairro é um terreno fértil para memórias, mas o que forma o bairro são as pessoas. Portanto, este é um projeto para ouvi-las e contar suas histórias.

O presente documentário constitui-se como o episódio piloto para o projeto “Bora lá no bairro”, que pretende criar uma série de memórias de bairros de Salvador, a partir de um mesmo formato audiovisual. É, portanto, um episódio referente ao bairro da Barra. O projeto pretende expandir-se para outros locais, trazendo histórias de atores sociais que colaboram de forma

direta ou indireta das memórias, entre o passado e o contemporâneo. Afinal, na Barra não há só turistas, é um local de permanência dos que vivem e trabalham ali. Histórias coexistem naquele território. Entre a riqueza e a pobreza. Os discursos divergem, se contrapõem e se compõem. E assim acontece em outros espaços.

Na primeira etapa deste memorial, trago os anseios que motivam esse trabalho de conclusão de curso, apresentando o percurso metodológico que me levou a iniciá-lo. A partir de sua dimensão mais ampla, que inicialmente foi pensando em formato seriado, foi realizado um recorte, definindo o bairro da Barra como porta de entrada para a primeira gravação de um registro de memória e subjetividades de um espaço turístico, marco onde a cidade foi fundada, a partir do Forte de Santo Antônio, passando por importantes mudanças históricas. Em seguida, apresento os pressupostos teóricos utilizados, destacando os conceitos que serviram de base para a elaboração do argumento do documentário e que nortearam a concepção e realização do projeto.

A segunda parte corresponde às etapas de produção e os relatos durante o processo de elaboração. O que torna algo visível é a importância que se é dada a ele. O que torna uma história visível é sua concretização, quando damos espaço a ela e voz para que os atores contem suas próprias reflexões. Como essas pessoas vivem nesse contexto? Quem são essas pessoas que vivem ali? De que forma? Há quanto tempo? A partir de qual perspectiva se compreendem dentro daquele espaço? São algumas questões me motivaram a produzir este documentário.

Esse projeto parte do uso do audiovisual como ferramenta de registro da história oral e da memória social, contribuindo assim para refletir perspectivas que se vão se moldando com o tempo. Técnicas, como aquelas apresentadas por Paul Thompson (1992) e o livro *Memória Social: Uma metodologia* (2003), do Museu da Pessoa, da instituição Senac São Paulo, serão utilizadas como metodologia, para discorrer sobre o tema.

Para a discussão das características do gênero cinematográfico escolhido - o documentário, utilizo os conceitos do livro *Introdução do Documentário* (2005), elaborados por Bill Nichols, no qual define e explica os tipos de documentários. Portanto, a partir de seus conceitos, defini a escolha que mais se aproxima do meu produto.

2. DO PROJETO

Muitas disciplinas, durante a graduação, despertaram meu interesse em realizar um produto audiovisual como conclusão de curso e me fizeram refletir da importância do

audiovisual enquanto ferramenta de aprendizagem. Ele possibilita lugares de fala para que pessoas contem suas próprias histórias.

Participei, por aproximadamente quatro semestres, da ACCS: Memória Social; Audiovisual e Identidades, coordenada pelo professor José Roberto Severino. Parte desse período, estive como monitora da disciplina, auxiliando na organização de visitas ao distrito de Acupe, localizado no município de Santo Amaro- Bahia. Foi então, entre os anos de 2012 a 2014, que me aproximei do audiovisual.

No sentido de cultura, identidade e memória social, Acupe foi uma experiência muito rica. Ouvir a comunidade, observar seus traços culturais e o modo como utilizam a cultura popular como expressão, conhecer a história de ancestralidade indígena e africana, e, ainda, aplicar os aprendizados adquiridos na Universidade dentro daquele território, me encantaram, assim como o fato de estar em campo e realizar o processo de observação, produção e finalização de perto.

Na ACCS, fui apresentada a leituras que dialogavam com o campo da cultura, memória e identidades, utilizados a partir do audiovisual. Compartilhamos artigos e textos que eram utilizados para metodologia de pesquisa, e assim, estávamos, ao longo do semestre, entre fundamentações teóricas, em casa e na universidade, e pesquisa de campo, realizados quinzenalmente.

Buscando uma construção conjunta de conhecimentos e descobertas, esse projeto de extensão contribuiu para formação dos estudantes, com pesquisa de campo e práticas acadêmicas, fora do ambiente universitário, realizando uma tentativa de conscientizar os moradores daquele distrito da importância em manter ativas as suas ancestralidades e rituais, criando um senso de pertencimento do indivíduo dentro da comunidade e desta como território. Partindo do ambiente acadêmico, descobrimos diferenças dentro de uma mesma cultura, entre a arte, as tradições e a comunicação.

A partir destas pesquisas, busquei na grade curricular disciplinas que abordassem temáticas sobre áudio e vídeo. Ofereci colaboração em projetos de amigos, cursos e experiências fora da universidade e enfim pude ir aos poucos adicionando conhecimento à minha bagagem, desde 2012 até os dias atuais.

Em 2016, iniciei a disciplina de desenvolvimento inicial do projeto, COM116 - Elaboração de Projeto em Comunicação, ministrada pela Prof^a Ana Maria Jatobá, que foi responsável por construir conosco o planejamento do que viria a ser os trabalhos de conclusão de curso dos alunos nas etapas seguintes da graduação. Defini que eu gostaria de realizar um

produto audiovisual que contasse a história dos bairros de Salvador. Uma ideia que, dentro do prazo de produção e recursos existentes, estava incompatível.

2.1 - DO RECORTE: BAIRRO DA BARRA

A cidade de Salvador tem, aproximadamente, 160 bairros, sendo o site do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Bahia (CAU/BA) e, portanto, uma multiplicidade de histórias e territórios. A escolha do bairro da Barra se deu a partir de pesquisas sobre um possível recorte para a realização deste trabalho, que partia da ideia maior de desenvolver documentários seriados, divididos por bairros. Qual seria o primeiro? Desta pergunta, surgiram diversas formas de se escolher por onde começarmos.

O primeiro passo foi descobrir por onde a cidade de Salvador começou a se desenvolver. A Barra foi a porta de entrada para Tomé De Souza, por volta de 1549, mais precisamente no Forte de Santo Antônio da Barra. Ao longo dos anos, o local já passou por diversas modificações. E com essas modificações, intervenções urbanísticas foram sendo realizadas, reorganizando a dinâmica do bairro. (SALVADOR HISTÓRIA CIDADE BAIXA, 2011).

A pesquisa possibilita um olhar mais sensível à descoberta de como as pessoas se relacionam ao nosso redor, e como nossas raízes e ancestralidades, contidas nos nossos traços, nossa cultura e no nosso comportamento, são reproduzidas. As narrativas dos sujeitos, muitas vezes nos levam às questões de representação do indivíduo naquele contexto, bem como de sua participação aí.

As disputas sociais, relações de poder e de identidade, participam da formação dos sujeitos nas comunidades, que fazem parte de inúmeros elementos mutáveis, entre eles culturais, econômicos e políticos, onde a produção e circulação simbólica constituem ingredientes centrais na elaboração dos imaginários sociais. Entrevistei, intencionalmente, pessoas de classes populares, com pouco acesso à informação e, geralmente, do comércio, que por inúmeros motivos não se reconhecem como parte integrante da construção daquele bairro. Esse projeto pretende resgatar suas singularidades dentro de uma narrativa que contemple sua história e sua ligação hereditária e afetiva com aquele local.

O caminho foi sendo buscando diante de um objetivo por vezes desconhecido. Existe uma tentativa aqui de compreensão de aspectos que se desdobram para além do texto escrito, que possam ser vistos, como pesquisa histórica. Moradores antigos e mais atuais, que formam a história do bairro, são a principal referência para este projeto e desempenharam papel fundamental no processo de elaboração na narração da história. Essas pessoas serão escolhidas

a partir de indicações, pesquisas e visitas ao longo das descobertas ao longo da pesquisa. Pessoas que convivem de formas diferentes, em vários contextos, mas têm em comum o local: A Barra.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial toma forma através das imagens. Dentro os modos de se fazer cinema, existe uma forte corrente, chamada de cinema documental, que é a forma de representação mais fiel ao real e que tem compromisso com o relato, sendo uma espécie de reportagem não ficcional. Além do modelo tradicional de monografia escrita como trabalho de conclusão de curso, na Faculdade de Comunicação da UFBA, há a possibilidade também do registro audiovisual, pelo qual optei.

Por isso o uso do audiovisual como ferramenta de comunicação de registro do real, em formato de documentário ou, que possibilita contar uma história e cultura, tornando possível o resgate da memória e as raízes culturais presentes.

Para o autor Bill Nichols (2005), referência nos estudos de cinema, a definição do que é o formato documentário é complexa, não significando e somente a reprodução de realidade. Dentro de um mesmo formato documental, podem ser atribuídas características de um, ou até mais formatos, por isso ele assume que documentário é um conceito vago. Nem todos os filmes classificados como documentário se parecem, assim como muitos tipos diferentes de meios de transporte são todos considerados “veículos”, segundo Nichols (2005).

Formatos cinematográficos, como do cinema de ficção ou de reportagens para TV, podem ser utilizados de forma fragmentada, para construir a narrativa de modos de documentários. Não se pode exigir que todos os filmes documentários apresentem todas as características do formato. O documentário só se define como tal quando é contrastado com outros gêneros do cinema, percebendo suas particularidades. Ou seja, o gênero absorve técnicas e formatações que possibilitam um conjunto de características em comum, ou seja, algumas características indicam o gênero documentário, porém essas características não são deterministas.

O realizador, a partir da sua linha narrativa e argumentação, imprime suas perspectivas, por onde justifica suas escolhas de enquadramento apresentados. A voz dos personagens na história, na sua linha condutora, orienta a lógica que organiza a linha do tempo e convence o espectador da realidade dos fatos.

O documentário não reproduz a realidade, visto que é preciso definir recortes. Sendo assim, a realidade de forma geral apresenta múltiplas perspectivas e se refere, quase sempre, a uma forma de interpretação do mundo em que vivemos. O documentário é moldado a partir do recorte do registro que é dado, de um ponto de vista. Bill Nichols aponta que: “eles são uma representação do mundo, e essa representação significa uma visão singular do mundo.” (NICHOLS, 2005, p. 73)

Sendo assim, Nichols (2005) conceitua “modos” documentais e propõe elementos que fundamentam suas características. O primeiro é o modo poético, cujo foco está na expressão estética e se aproxima do cinema experimental. O modo expositivo é o mais utilizado em TV e jornais. A voz off demarca o direcionamento da narrativa e sua lógica é transmitida por meio de locução e o uso de imagens são secundárias. No modo de observação, não é utilizado voz over, e o observar é exposto na montagem, com planos mais longos e sem intervenções. A presença da câmera é ignorada, e a narrativa segue o espírito de observar os acontecimentos. As interações dos personagens são seguidas de forma naturalizada. Nesse modo de construção, não há narradores, entrevistas, ou efeitos sonoros. No modo participativo, é ressaltado pelo autor a relação com trabalhos realizados em campo. O pesquisador mantém um distanciamento do seu objeto, porém evidencia sua participação na narrativa. As pessoas interagem com a câmera durante o processo. A câmera é o meio de interação. No modo reflexivo, há uma reflexão sobre um problema que é levantado, desafiando algumas definições típicas do gênero documentário. Demonstra as representações da realidade. Não existe a expectativa do fiel a realidade, estimula a consciência do espectador no modo que se constrói uma narrativa documental.

O sexto modo é o performático, ou subjetivo, que encontra-se entre o real e o imaginário. A experiência pessoal é enfatizada e características subjetivas são relatadas. Porém, não existe contrapontos com a realidade e o campo imagético. E mistura elementos ficcionais. Seguindo a mesma linha de raciocínio do autor Bill Nichols, o autor Arlindo Machado (2011), sugere que: “ocorre uma expansão da concepção do que seria um documentário ou até mesmo também, sua superação” (MACHADO, 2011, p. 5).

Para este projeto, enquadrando em conceitos direcionados pelo autor Bill Nichols (2005), seremos norteados pelo Modo Participativo. Porém compreendendo que os modos interagem entre si e não possuem a necessidade de serem conceituados de forma fechadas, absorvo aspectos de vários modos. Como exemplo, o filme “*Crônicas de um verão*”, de Jean Rouch e Edgar Morin (1961), como exemplo. A câmera e sua presença, interferem na realidade. A voz do realizador é ouvida. Durante nossas entrevistas, havia uma interação entre os

personagens e o que estava acontecendo fora do enquadramento da câmera, a presença da câmera era sempre percebida.

O modo participativo nos permitiu a interação com os entrevistados, em especial pela liberdade de estarmos próximos. Durante o processo de gravação, Leonardo Fernandes se disponibilizou a produzir o poema “Barra” (ANEXO B), que é utilizado no nosso vídeo. Sendo assim, utilizo fragmentos de uma obra literária e voz off para narrar contrapontos do bairro. Mostrando assim que, segundo o autor, nenhum modo é aplicado em sua totalidade. O uso de entrevistas compõe a forma documental clássica. A partir de relatos e falas de moradores, que expõem suas memórias, seguimos no desafio de registrá-los. O norte desse documentário não pode ser definido unicamente pelo modo participativo, pois houve diversas interferências em sua estrutura, como de vozes de diálogos entre entrevistador e entrevistado. O documentarista é notado, em intervenções. A trilha sonora é existente. Nos propomos a sermos sujeitos ativos no processo. Bill Nichols (2005, p.48) define que os documentários exibem um conjunto único de características comuns.

Segundo Pollak (1992), memória é a capacidade de lembrar, condiciona uma série de portas que nos leva ao passado. Podemos experimentar esse acesso ao passado por diversos caminhos. A memória não é presa a uma determinada existência e sim a uma memória social. Cada indivíduo possui um olhar sobre os fatos, que é pessoal e único. Portanto, o autor afirma que, dentro dessa perspectiva o acesso à memória se dá partir da forma de expressar aquela recordação. É por ela que se observa a configuração de identidades. Podemos citar então, três tipos de memória. Uma é a nossa memória afetiva, em que memoramos a sensação de recuperar algum fato passado, e a partir disso experimentamos uma nostalgia momentânea. A segunda é a memória pessoal, que parte das sensações individuais de cada ser, e seu lugar dentro daquela lembrança. A terceira é a memória social, onde memórias pessoais são recuperadas a partir do imaginário, dos fatos partilhados por um grupo de indivíduos. Por meio da história, que é um saber, podemos levantar informações, documentos e fontes, fazendo com que em um estado presente possamos ter contato com elementos passados. Portanto, nessa memória trazida a partir da história, acessamos o passado a partir de subjetividades do presente.

Sendo impossível vivenciar o passado, ele se dá quando construído no momento atual. Vamos o passado a partir do presente. Sua interpretação depende da forma como nós o percebemos. Então, memória é um campo de disputa entre o real e a interpretação dos fatos (POLLAK, 2012).

O que realmente importa não é apenas chegar ao fato, mas sim como as pessoas o percebem. É necessário que narrativas sejam contadas, caso contrário, se dissolvem na memória

de quem fica com elas. Levando em consideração essas reflexões, fundamento o meio pelo qual optei por construir uma memória, que é o cinema. Ser soteropolitano de determinado bairro, por exemplo, implica memórias e percepções de mundo diferentes de outro indivíduo da mesma cidade, mas de outro bairro.

Existem vários estilos de entrevistas, tanto formais quanto informais. Independente deles, o pesquisador deve permanecer atento e interessado a respeito do tema tratado pelo entrevistado. Segundo Paul Thompson (1992), existem qualidades necessárias para desenvolver o diálogo de forma agradável, como capacidade de compressão, se manter paciente e resistir à tentação de discordância, pois corre-se o risco de interferir na linha de raciocínio do entrevistado, quando se percebe uma quebra de conexão com o que é esperado ou não que ele fale.

Outro quesito muito importante é se ater a não interrupção, pois a fluidez na memória e na narrativa se desenvolve de forma natural a partir de memórias que surgem no entrevistado, o qual rememora fatos que antes podem ter se perdido na memória. Interromper, nesse caso, pode gerar uma quebra na fluidez do raciocínio. Portanto, apliquei argumentos sobre a utilização da memória social e história oral, seguindo a linha de fundamentação do autor Paul Thompson, com o livro “A voz do passado” (1992). Thompson é um dos especialistas em métodos de análise de história oral e aborda a importância da história oral e como ela pode ser utilizada como fonte. Compreendemos então, a partir dessas leituras, que o autor elabora caminhos que contribuem para a valorização das memórias de vida e conhecimento através de suas recordações, que fazem parte do imaginário daquele contexto e abarcam traços culturais.

Cada indivíduo, assim como cada bairro tem suas características únicas e singulares. A história não é linear, a linearidade é dada a partir da edição, norteadas pelas decisões de roteiro e formato, adotadas pelo documentarista. Construimos uma ligação de fatos passados, a partir do presente. Não apenas os locais turísticos possuem valor de pesquisa, as formas de vivências e do cotidiano também.

Para fundamentar esse memorial e produzir o conteúdo, foram necessárias pesquisas relacionadas ao formato documental, trabalhos que seguíam a mesma linha, projetos audiovisuais. Documentos de todos os gêneros que fundamentam os tipos de documentários. Caminhar pelo percurso metodológico foi um importante exercício para argumentar a partir de teorias e formatos, conhecidas durante a graduação, para refletir sobre eles no processo de realização desse projeto e fundamentá-los. Estar atento, com gestos e expressões contidas, se manter como figurante na cena, deixar o palco e toda atenção em torno do seu objeto de pesquisa

é fundamental. Evitar reações exageradas, de discordância ou concordância, se manter em contato visual, atento, e como alguém que gostaria de ouvir uma história que ainda não sabe.

Até o momento de gravar essa documentação, existem detalhes que podem fazer a diferença para seu desdobramento. Levantar dados, realizar preparações básicas, programar visitas exploratórias antecedentes ao entorno do local ou circunstâncias, ou seja, realizar mapeamento de campo. Retornar para casa e refletir o contexto, formular questões. Conversar e criar uma relação de confiança com as pessoas dispostas a ajudar, contando suas perspectivas e recordações. Explicar suas intenções com o projeto, perguntar ao seu personagem se ele se recorda, se esteve presente, caso necessário deslocar a atenção para fatos curiosos desse percurso, informações genéricas, como algo engraçado, para quebrar um clima de apresentação mais sério. Quanto mais se sabe, mais perguntas poderão ser utilizadas, fazendo com que a riqueza de detalhes traga lembranças.

Seu personagem compartilha aquele espaço ou tem proximidade com pessoas que possuem olhares sobre a mesma questão de diferentes perspectivas. Estas pessoas podem ser mais bem informadas ou tanto quanto seu pesquisado. Dar um passeio e de forma simples fazer perguntas a outras pessoas durante, em visitas exploratórias, podem resultar em surpresas. Se abastecer de fatos, de eventos que compartilham a mesma linha temporal dos fatos, pontos de experiências.

Documentos trazem evidências que legitimam os fatos, por isso, perguntar ao entrevistado se existem documentos pode levar a pequenos detalhes indagativos. Estar familiarizado com termos e linguagens para a entrevista. Pessoas que atuam em determinados postos, com maior influência, se sentem mais à vontade quando percebem que podem se expressar como de costume, com pessoas com o mesmo conhecimento que elas. Pessoas com linguagem mais informal, se sentem menos a vontade caso o entrevistado lhe faça perguntas da forma com a qual ela se relaciona com seus iguais. A fala pode ficar atrapalhada, pausada, escolhendo palavras corretas e com isso atrapalhando a naturalidade, por isso a flexibilização nas relações é fundamental para realização de uma entrevista harmônica.

Conhecer o tema, pesquisar, ler pesquisas semelhantes, conversar com pessoas que saibam sobre essa experiência, conhecer as pessoas antes de surpreendê-las com equipamentos de áudio, com câmera. Se preparar formulando perguntas simples e cuidadosamente organizadas, programar uma linha narrativa, usar termos comuns ao entrevistado. Predeterminar um tempo médio de escrita, de desenvolvimento e programar prazos para a realização do processo. Essas são as observações de Thompson (1992).

Durante as gravações, o prazo de realização deve ser flexibilizado. Ele pode ser mais curto, objetivo e direto, como também pode ser estendido com longas memórias diretas e indiretas do fato, onde o entrevistado pode estar em um momento melancólico ou de mergulho em memórias que há tempos não são habitadas. Também pode estar se deparando com um olhar que não se deixou perceber durante o ocorrido e apenas nesse estado presente, pensar sobre isso e fazer se questionar e externar emoções adormecidas.

A partir de diferentes dificuldades e aspirações, o/a personagem precisa se enxergar enquanto indivíduo dentro daquele contexto. A maneira como se fala, a proximidade afetiva ou afastamento do mesmo, informações que se inclui, que ignora, relata um modo de pensar único do indivíduo dentro de um coletivo.

O objetivo da entrevista deve ser explicado inicialmente. Deixar claro as expectativas de direcionamento de relatos, já que o (a) entrevistado (a) precisa saber em que você está interessado, pois a partir desse recorte de objetivo ou motivo específico sua fala será organizada. Caso durante o caminho a conversa se pdesvie, será necessário sinalizar um retorno a algo que já havia sido falado, como “na parte em que disse” ou “não ficou claro isso”. Retornar e arredondar as conexões estabelecidas com a fala.

4. METODOLOGIA

4.1 - EQUIPAMENTOS PARA CAPTAÇÃO

- **CÂMERA 6D**
- **Gravador TASCAM DR-40**
- **Microfone Direcional Yoga HT 81 Boom**

4.2 - EQUIPE: FORMAÇÃO DA EQUIPE

Executar um projeto, ainda que um de curta-metragem, demandou muito tempo, entre pré-produção e pós-produção, bem como e recursos, técnicos e financeiros. Seria muito difícil executar uma gravação externa, sem apoio, por isso, desde o primeiro momento, estruturei essa produção abarcando mais duas pessoas. Convém ressaltar que, além de pessoas, pensei naquelas que tinham experiência na área, de modo a contribuir melhor com a realização do produto e do memorial.

Trabalhar em equipe é trabalhar com variáveis: de horário, de equipamentos, de disponibilidade de horário, de previsão do tempo. E com isso os prazos ficaram cada vez mais apertados. Surgiram imprevistos em todo processo de realização.

Para a realização de qualquer produto audiovisual, é preciso um profissional de áudio e outro para a captação de imagens. Por isso, realizar a gravação em um local aberto, é preciso experiência prévia. Leonardo Fernandes ficou responsável pela Câmera 01, que foi utilizada para os planos abertos, enquanto Wanderson Castro, ficou responsável pela Câmera 02, que foi utilizada para planos de ambiência e detalhes dos entrevistados. Ficou por minha conta todas as etapas de pós-produção: edição e montagem de áudio, de vídeo.

Foi preciso convencer todos esses profissionais de que ao final desta produção estaríamos produzindo além de portfólio, um projeto maior que um TCC individual que beneficiaria a mim, particularmente, mas sim, gerando um primeiro documentário com a intenção de adquirir a experiência com o tema, com o bairro e criar condições de adaptar o formato final a outros bairros. Portanto, compartilhar esse argumento e produzi-lo para, a partir daí, ter embasamento e experiência de produção para os próximos, já que minha ambição é contemplar histórias diversas sobre todos os bairros de Salvador. Tenho, como meta de médio prazo, conseguir suporte financeiro para produzir material de qualidade.

Grande parte do apoio e recursos durante a realização desse projeto surgiram de pessoas que viram neste projeto a possibilidade de fazer parte da realização e construir portfólio. Todos, queridos colegas de profissão, toparam caminhar comigo por um valor simbólico e troca de serviço. Desde o início, tanto eu quanto esses colaboradores, sabíamos que não teríamos recursos para realização, então foi preciso realizar essas trocas ou valores simbólicos.

A UFBA, enquanto instituição, teve o papel fundamental nessa realização. Alguns equipamentos pessoais de amigos não puderam ser usados. As pessoas que colaboraram comigo nesse projeto, infelizmente, não concordaram em realizar gravações com suas câmeras na rua. Portanto, optei por usar equipamentos da UFBA, visto que possuem seguro (em caso de roubo). Então enquanto estudante pude utilizar os equipamentos da instituição que faço parte para entregar meu produto. Entrei em contato com o Centro de Comunicação, Democracia e Cidadania (CCDC - FACOM), ao qual fui membro. Coordenado pelo professor Giovandro Ferreira, tive a permissão de utilizar os equipamentos, os quais eu já havia trabalhado na realização da cobertura de fóruns. A instância possui uma câmera CANON EOS 6D e um gravador TASCAM, que foi a partir do uso desses equipamentos que pude realizar essas gravações.

4.3 - PERFIL DOS COLABORADORES

4.3.1 - ENTREVISTADOS

Durante o processo de mapeamento de campo, foi definido que os entrevistados seriam pessoas do bairro que exercessem atividades variadas aí, de modo que a narrativa fosse construída a partir de memórias de diferentes pontos. Para essa pesquisa, foram entrevistadas aproximadamente dezoito pessoas. Parte dessas entrevistas foram apenas ouvidas, sem gravação de áudio e vídeo, pois os entrevistados não autorizaram o uso de gravação. Durante o processo de montagem, os personagens a seguir foram escolhidos por tempo de comércio no local e memórias em torno do bairro.

Cosme Gomes

Cosme é geógrafo há 38 anos e professor há 31. Tem 70 anos de idade. Reside no bairro da Barra há aproximadamente dez anos. Foi escolhido para essa entrevista pois desde sua infância frequenta o bairro e possui memórias históricas dos anos desde os 1960 aos dias atuais.

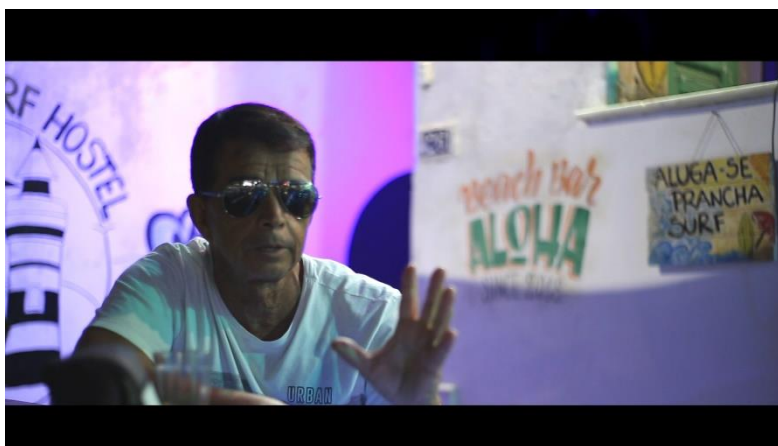


Figura 1 – Fotografia de Cosme Gomes.

Maria de Fátima

Maria de Fátima tem 70 anos de idade. Reside no bairro da Barra há aproximadamente seis anos. Foi escolhida para esta entrevista pois, enquanto moradora, observa a dinâmica do bairro e acompanhou o processo de reforma do mesmo entre os anos de 2013 e 2014.



Figura 2 – Fotografia de Maria de Fátima

Maria Emília

Trabalhou como baiana de acarajé no largo de Amaralina por quarenta e cinco anos e trabalha no bairro da Barra há aproximadamente quinze, exercendo a mesma atividade. Tem aproximadamente 90 anos de idade. Foi escolhida como uma das personagens por seu tempo de trabalho, em um ponto muito movimentado, que é o Porto da Barra.



Figura 3 – Fotografia de D. Maria Emília

Márcia da Cruz

Márcia é baiana de acarajé há vinte anos. Trabalha no bairro da Barra há aproximadamente dez anos, na barraca de dona Maria Emília (Entrevistada 03). Foi escolhida para essa entrevista por seu tempo de trabalho ali.



Figura 4 – Fotografia de Márcia da Cruz

Márcia Cardoso

Marcia é dona de uma barraca de hot dog e trabalha no bairro há dezoito anos. Tem aproximadamente 30 anos de idade. Foi escolhida para essa entrevista por seu tempo de trabalho ali, em inúmeros locais. Acompanhou as mudanças durante esse período.



Figura 5 – Fotografia de Márcia Cardoso

Bruno Rocha

Bruno é mergulhador profissional, instrutor de mergulho na Barra e morador dali desde que nasceu. Tem 44 anos de idade. Foi escolhido para essa entrevista pois ele e sua família sempre residiram no bairro.



Figura 6 – Fotografia de Bruno Rocha

4.3.2 – EQUIPE TÉCNICA

Leonardo Fernandes

Publicitário, designer e pós graduando em Mídias Digitais. Trabalhou com direção de arte na Santo Guerreiro Cine VT, Atualmente fundou a Mandacaru Lunar, que trabalha com CG e produção audiovisual para clientes do Brasil, Itália e Portugal. Também trabalhou como instrutor do Senac - CE nos cursos de design e edição de vídeos, além de ter sido coordenador da Gracom, escola de efeitos visuais em Fortaleza. Foi palestrante do evento *É tudo Design*, realizado pelo Sebrae do Mato Grosso e facilitador de workshops de modelagem 3D e teve projeto 3D publicado na revista BlenderArt Magazine #47.

Wanderson Castro

Bacharel em Publicidade e Propaganda. Ingressou no audiovisual em 2009, quando participou de oficina no projeto Claro Ideias, da Operadora Claro. Desde então, descobriu que era apaixonado pelo o audiovisual. Em 2013, participou de um curso profissionalizante na TV Pelourinho. Ao termino do curso, ingressou em uma empresa que realiza cursos online na área

de direito, que é o local onde trabalha há seis anos como técnico de audiovisual. Durante sua jornada, participou dos seguintes projetos: Palco do rock carnaval 2017, como operador de câmera na cobertura dos shows ao vivo; do site Varela notícias, na cobertura do carnaval 2019 como operador de câmera; no canal no YouTube *Papeando com Pamplona*, como técnico de audiovisual; no Projeto Papo correria - Governo da Bahia, como assistente de produção; em clipes independentes, como diretor e produções para mídias sociais e em um projeto de vídeo documental sobre o bairro do alto do cabrito. Wanderson foi um dos colaboradores convidados para contribuir nesse projeto, pois pudemos trabalhar juntos durante dois anos, entre 2016 e 2018, em uma empresa que produzia cursos online. Sempre estamos unindo forças e colaborando para realizar projetos um do outro. Estamos sempre nos auxiliando e compartilhando novidades, experiências e contribuições nos nossos trabalhos audiovisuais.

4.4 - FICHA TÉCNICA

Direção e Produção: Lalesca Santos

Captação de som: Leonardo Fernandes

Captação de imagens: Wanderson Castro

Captação de imagens: Leonardo Fernandes

Montagem: Lalesca Santos

Finalização de vídeo: Lalesca Santos

Finalização de áudio: Leonardo Fernandes

5. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

5.1 - PRÉ-PRODUÇÃO

A pré-produção de um documentário necessita um caminho bem definido e de um problema ou questão que se está disposto a resolver com suas perguntas e durante a linha narrativa da história. Fui a campo com esse roteiro (ANEXO A) e, durante conversas sem gravar os personagens, pude testá-lo. Por vezes também fiz perguntas fora do roteiro para ampliar o meu olhar dentro daquelas perspectivas.

O percurso seguindo para contar a história do bairro foi fundamentalmente apoiada por materiais já disponíveis em acervos públicos, acessíveis em ambientes digitais, pesquisas

bibliográficas, referências documentais e principalmente idas para observação e mapeamento de campo.

O processo de observação foi fundamental durante o período da pré-produção. Foi a partir dele que pude constatar que, com tantas possibilidades, deveria ter como norte um roteiro bem definido. Seguindo as indicações do autor Bill Nichols (2005), constatei na prática que mesmo indo a campo com roteiro, o processo de produzir um documentário sempre perpassa por alterações e a linha narrativa foge de controle do documentarista a partir das falas das pessoas, pois os relatos são tão variados que produto final se desenvolve realmente no curso das gravações.

5.1.1 - ROTEIRO

Durante a primeira ida à Barra, nos primeiros meses de 2019, não fui com roteiro pré-definido. Então, em meio a tantas informações, me perdi. Entendi que são muitas as pessoas que trabalham e circulam por ali, e por isso era necessário me perguntar quais personagens seriam importantes para realizar esse recorte das memórias, tanto antigas quanto atuais.

Pensando em pessoas que estão sempre presentes na área turística da orla, considerei a importância de garçons, garçonetes, donos de comércio, guardadores de carro, vendedores ambulantes, no geral, como baianas de acarajé ou vendedores de água de coco, dentre outros. Para fazer um contraste entre a Barra das décadas passadas com a barra atual, alguém com mais de 50 anos, em média, poderia me contar as mudanças que observou durante esse período em que passou ou morou por ali. Para abarcar um outro olhar, mais distraído entre paisagens, mas também muito atento às novidades que lhe são apresentados ali, busquei pessoas que estivessem “turistando”.

O Roteiro de perguntas (ANEXO A) norteou meu processo pessoal de observação, como também foi muito importante para que não perdesse de vista, em meio as gravações, meu caminho metodológico e a maneira como gostaria de desenvolver o documentário.

5.2 - PRODUÇÃO

Reforçando o que o autor Paul Thompson (1992) discorre sobre adentrar-se à rotina do objeto de pesquisa, é possível ativar recordações que sirvam como condutor da narrativa. Segundo Souza (2014), “uma entrevista no local de trabalho irá ativar fortemente áreas da memória, e pode ter como resultado mudança para um modo de falar menos ‘respeitável”’.

As filmagens foram realizadas fora do prazo estimado para a gravação, que haviam sido definidos, inicialmente, para os dias 10 e 17 de maio. Por inúmeras questões, entre flexibilidade de equipe, equipamentos e problemas pessoais, as gravações foram realizadas de fato, entre 11 e 12 de maio. Nas datas estimadas para gravação, estavam imaginadas as etapas de pós-produção. O cronograma precisou ser alterado diversas vezes, pois dependeu de disponibilidade de tempo da equipe.

5.3 - PÓS-PRODUÇÃO

A pós-produção deste episódio foi uma das etapas mais complexas. Nos deparamos com inúmeros depoimentos, horas de gravação e com a difícil missão de, a partir daquelas entrevistas, construir uma linha de raciocínio coerente. Realizei, por motivo de segurança, cópias das gravações em dois dispositivos distintos, em um HD externo Seagate e no HD interno do computador que realizei a edição. Posteriormente, foi realizada a decupagem dos arquivos que seguiam a linha narrativa definida.

O áudio gravado no TASCAM é unido às imagens gravadas pela 6D, através de um programa de sincronização, o *Plural Eyes*. Criado justamente para acelerar o processo de produtividade com mais eficiência, pois mapear as *wave forms* e unir nos pontos exatos demanda muito tempo. Portanto, esse programa é essencial.

Áudio e imagens unidos, iniciamos o processo de montagem no ADOBE PREMIERE PRO CC 2019, criando um projeto nomeado como TCC LALESCA. Divididos na mesma organização já feita em pastas de cada depoimento, aplicado dentro do programa premiere, o acesso foi realizado com eficiência.

As entrevistas gravadas por cada personagem foram editadas integralmente e a narrativa foi montada na linha do tempo da fala de todos eles, sem recorte. Editados todos os depoimentos individualmente, as falas dentro do projeto do Adobe Premiere são copiadas para uma linha do tempo com todas as entrevistas gravadas. Entre inúmeras visitas aos vídeos, para rever as falas dos personagens, começamos a criar uma fala linear, a partir do roteiro pré-definido.

Existe uma pasta central com o nome TCC LALESCA, dividido em GRAVAÇÕES e DOCUMENTOS. Cada personagem possui uma pasta específica com suas imagens de vídeo e de áudio. Existe, em separado, dentro da pasta TCC LALESCA, uma pasta dedicada a INSIGHTS de gravações, por exemplo, de detalhes nas entrevistas, pessoas passando, caminhando, comércio. A organização de todo e qualquer projeto é essencial para quem vai produzir vídeos, pois todas os arquivos devem ser acessados com facilidade. A organização

serve também para que, se necessário que outra pessoa acesse o material, tudo esteja organizado em pastas e nomeados de acordo com a função.

5.3.1 – TRILHA SONORA

Todas as músicas e trilhas sonoras utilizadas neste vídeo foram retiradas da biblioteca livre do site YouTube¹.

1. Nome: Amor_Chiquito (Autor: Quincas Moreira Uso livre e gratuito)
1. Nome: Beach_Disco (Autor: Dougie Wood Uso livre e gratuito)
1. Nome: Eddy (Autor: Lissie Grooves Uso livre e gratuito)
1. Nome: Eletrosamba (Autor: Quincas Moreira Uso livre e gratuito)
1. Nome: Island_Coconuts (Autor: Aaron Kenny Uso livre e gratuito)
1. Nome: Jela (Autor: ELPHNT Uso livre e gratuito)
1. Nome: Sideways_Samba (Autor: Audionautix Uso livre e gratuito)
1. Nome: Sunshine_Samba (Autor: Chris Haugen Uso livre e gratuito)
1. Nome: Thug_Dub (Autor: Quincas Moreira Uso livre e gratuito)
1. Nome: Waves_Crashing_on_Rock_Beach (Sound effect Uso livre e gratuito)

5.3.2 – IMAGENS DE COBERTURA

Todas as imagens utilizadas neste vídeo foram retiradas de sites e documentos encontrados online. São eles:

- 466 ANOS DEPOIS: Fotos mostram mudanças de Salvador ao longo dos anos. Varela Notícias, 2017. Disponível em: <http://varelanoticias.com.br/antes-e-depois-fotos-mostram-mudancas-de-salvador-ao-longo-dos-anos-veja/>.
- LISTA de naufrágios ocorridos na Bahia. Wikipédia, 2014. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_naufr%C3%A1gios_ocorridos_na_Bahia.
- UMA senhora e duas crianças passeado no Farol da Barra. Amo a história de Salvador. Disponível em: <http://www.amoahistoriadesalvador.com/uma-senhora-e-duas-criancas-passeado-no-farol-da-barra/>.

¹ Disponível no link: <https://www.youtube.com/audiolibrary/music>.

- VÍDEO 1 – FAROL DA BARRA- SALVADOR É OUTRA, 2017. 1 vídeo, 3'10''. Publicado pelo canal: Amo a História de Salvador, by Louti Bahia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ge84niL8Pj4>.

5.3.3 – DIREITOS DE USO DE IMAGEM

Todas as entrevistas gravadas foram autorizadas pelos entrevistados. As autorizações estão documentadas e registradas em áudio e vídeo. Os arquivos encontram-se em posse da nossa equipe.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da narrativa de cada personagem, descobrimos um olhar particular de como era e o que se tornou o bairro da Barra. Por isso, esse projeto permite a interação entre gerações de moradores e famílias de cada bairro. Essa pesquisa surge a partir da curiosidade de uma comunicóloga em formação, interessada em cultura e história da própria cidade. Sem ser contemplada com nenhuma memória social atual que tratasse dessas questões em locais turísticos, senti a necessidade de poder produzi-lo.

Enquanto estudante de comunicação, pude, dentro da universidade, ter acesso a uma gama de definições de conceitos como cultura e patrimônio, bem como de desenvolver conhecimento crítico na área de comunicação. Então, mesmo sem o tema central ter sido definido, certamente seria um produto documental, envolvendo memória social.

No percurso de produção do documentário, desde sua concepção até a finalização, a compreensão do documentário, enquanto linguagem cinematográfica que visa à constante renovação e superação dos meios tradicionais discursivos do cinema documental, mostrou-se imprescindível e permitiu perceber que a execução das etapas práticas de um produto audiovisual está imbricada de uma série de elementos estéticos, políticos, sociais, simbólicos e culturais, sem os quais uma obra perde seu sentido histórico.

Ao longo do processo de realização do filme, foram compreendidas as dimensões desses conceitos. Os depoimentos dos entrevistados reafirmaram que o mercado do cinema de Salvador reflete dados nacionais que atestam uma grande discrepância entre as participações e representações dos diferentes sujeitos. Porém foi constatado que a participação das mulheres no mercado audiovisual se fez presente desde os primórdios dessa indústria, ainda que a história da sociedade ocidental corrobore para sua invisibilização. Esse projeto não teve uma data

específica de início. Penso que desde 2014, com as experiências com audiovisual que tive a oportunidade de fazer parte, iniciei meu processo de concepção. Sempre que pensava no trabalho de conclusão, queria realizar um documentário.

Mesmo sem um tema definido, sabia que teria a ver com memória social. Contar histórias, discutir olhares, dar voz a vozes que não são escutadas com frequência. Atores sociais desconhecidos, menos favorecidos, com realidades diferentes da minha, que não são normalmente protagonistas de documentários. Pessoas que não passam em comerciais de TV.

Esse documentário não foi realizado com a mera intenção de conclusão do curso, mas como um passo inicial a um projeto maior. Experimentar as situações, as adversidades no percurso, compreender o tempo de programar a execução de um projeto como esse, perceber as dificuldades para solucionar-las em um próximo momento. O processo de criação é livre, ainda que limitado ao prazo definido. Existem outros caminhos, outras pessoas, outras histórias e outras formas de se contar histórias, desejo conhece-las. O resultado é também a gratidão de ter dado esse primeiro passo, as vivências obtidas e o aprendizado com as dificuldades em concretizar um projeto audiovisual. A arte não tem limites, as possibilidades são muitas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARLOT, B. **Relação com o Saber, Formação dos Professores e Globalização**. Porto Alegre: ArtMed, 2005.

ESPINHEIRA, G. **Salvador: A cidade das desigualdades**. In: Cadernos do Ceas, nº 184, nov./dez. Salvador: Centro de Estudos de Ação Social, 1999.

FROCHTENGARTEN, F. A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho. **Psicologia USP**, São Paulo, janeiro/março, 2009, 20(1), p. 125-138

MACHADO, A. **Novos Territórios do Documentário**. Doc On-line, n. 11, dez. de 2011, pp.5-24. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/11/dossier_arlindo_machado.pdf. Acesso em 08 de jan. 2019.

MOURÃO, M. D. G. A montagem cinematográfica como ato criativo. **Revista de Cultura Audiovisual**, v. 33, n. 25, p. 229-250, 2006.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. “Memória e identidade social”. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização—do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

8. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

CABRA Marcado pra Morrer. Direção: Eduardo Coutinho, 1984.

CRÔNICA de um verão (Chronique d'un été - Paris 1960). Direção: Edgar Morin e Jean Rouch. Videofilmes, 2008, 85 min.

EDIFÍCIO Master. Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2002. (107 min).

MOI un Noir. Direção: Jean Rouch. Cor, 90 min. França, 1958.

LES Maîtres Fous. Direção: Jean Rouch. Cor, 35 min. França, 1954.

TITICUT Follies. Direção: Frederik Wiseman. P&B, 84 min. Estados Unidos, 1967.

ÚLTIMAS Conversas. Direção: Eduardo Coutinho, 2015.

ANEXO A – ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Descendência. Atividade de família. Comércio.
2. História oral (história da memória social construída por alguns moradores antigos do bairro);
3. (comércio, habitação, lazer) Quais são as manifestações culturais presentes nesse bairro? Por quais pessoas/ coletivos? Por qual finalidade? Qual a sua história?
4. Quanto tempo reside aqui?
5. Veio pra cá com sua família?
6. Por onde costuma transitar aqui?
7. Como era a Barra de antigamente?
8. Como era a Barra depois da reforma?
9. Quando veio pra cá o que tinha de bom?
10. Quando veio pra cá o que tinha de bonito?
11. Como era o turismo naquela época?
12. Como era a segurança aqui?
13. Como está a segurança atualmente?
14. Você tem boas recordações daqui?
15. Como era o comercio e como está o comercio atualmente?

ANEXO B – POEMA: BARRA**Barra**

Entre o asfalto e a areia. Entre o céu e o mar. Entre o ter e o ser;
Passado e o presente se misturam. Um bairro que são muitos;
Muitos sons, muitos tons, muitas cores, muitas dores;
Encontros e desencontros; turistas, brasileiros, baianos, foliões, excluídos;
Todos neste mesmo palco, neste mesmo bairro, Barra.

(Leonardo Fernandes)